

Editorial

TUDO
OU NADA

Campanhas eleitorais são cheias de altos e baixos, consequência do debate travado entre os vários candidatos. Já a votação é sempre uma incógnita, não obstante as previsões lançadas pelas pesquisas de opinião pública.

Mas, o que é de fato surpreendente mesmo é a apuração dos votos. Os resultados comprovam o acerto ou o desacerto de todas aquelas combinações feitas lá no início por coligações, partidos, candidatos e correligionários.

Por mais que os interessados tentem combinar o resultado com os eleitores, estes muitas vezes escapam a seu controle. O imponderável mostra o peso que escondeu de todos. Nessas últimas eleições, não aconteceu diferente.

Talvez o mais decepcionado com o resultado seja o presidente da República. Ele fez de tudo – o que podia e o que não podia – para eleger a sua candidata. Estava certo de que ela se elegeria no primeiro turno, mas não aconteceu.

Sabidamente, o eleitorado resolveu não se submeter a uma escolha que o presidente tinha decidido que seria plebiscitária. De um lado, os que apoiavam o seu governo (e a sua indicação); de outro, os que eram contra.

A candidata do governo ganhou o primeiro turno, mas não ganhou a eleição. Vai ter de se sujeitar a um novo sobre-esforço, a se expor diante do eleitorado de uma forma que até agora não o fez, blindada pelos marqueteiros.

Dos dois candidatos, o que o eleitorado conhece menos é Dilma Rousseff. Valia a palavra do presidente Lula. Se quer ganhar a eleição, ela terá de delinear com nitidez no que é diferente de José Serra para o bem do Brasil.

O conteúdo do debate terá de ser aprofundado. Os projetos respectivos, se existem, terão de ser clareados. O eleitor terá de ser novamente conquistado. Poderá inclusive trocar de posição. Dentro da cabine, ele é livre.

Não se sabe o que pode acontecer. Quase sempre, quem vence o primeiro turno vence o segundo. Mas existem exceções. Tudo vai depender dos candidatos. É tudo ou nada.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR	Vittorio Medioli
PRESIDENTE	Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE	Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO	Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO	Marcos de Oliveira e Souza
GERENTE COMERCIAL	EDITORA EXECUTIVA
Leandro Figueiredo	Lúcia Castro
GERENTE DE TECNOLOGIA	SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Fábio A. Santos	Michele Borges da Costa
GERENTE INDUSTRIAL	ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Guilherme Reis	Aline de Almeida Reskalla
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO	EDITORES
Walmir Prado	Primeira Página: Robert Wagner
GERENTE DE MARKETING	Opinião: Victor de Almeida
Alessandra Soares	Economia: Karlton Aredes
GERENTE DE CIRCULAÇÃO	Política: Carla Kreefft
Isabel Santos	Magazine: Silvana Mascagna
	Brasil/Mundo: Carla Chein
	Esportes: Denner Taylor
	Cidades: Carla Alves

O.PINIÃO

CONGRESSO SERÁ O PIOR DA HISTÓRIA

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Algumas ausências que foram
paradigmáticas no debate eleitoral

“Assuntos de negros” não dão voto; mas o negro vota

Gratupei um ensaio sobre as eleições de 3 de outubro, mas muita água ainda vai rolar até dia 31, então vou matutar um pouco mais depurando minha análise, que parte da convicção de que a “onda verde” não foi um discurso que mobilizou corações e mentes, mas uma tática eleitoral competente e sedutora orquestrada de fora do PV para fazer Marina surfar. No segundo turno, pode se tornar uma armadilha... para Marina, que, se tiver máscaras, talvez seja obrigada a jogá-las ao vento! Mas isso é o amanhã bem próximo. E, como não sou futurologista, deixa pra lá.

Numa olhada de relance nos discursos das campanhas à Presidência, a concepção de mulher-mala (mãe e filho) foi o tom das propostas para a “saúde feminina”. Foi de amargar... Ai, meus saís! Voltaremos ao tema.

A ausência das questões pertinentes ao racismo contra negros (pretos e pardos) foi eloquente e fala por si. Decerto o racismo foi considerado tema espinhoso demais para se fazer presente na “pidança” de votos das principais candidaturas, inclusive nas da negra, que o escanteou.

Há uma espécie de profecia que diz que abordar “assuntos de negros” não dá voto. O contraditório é que negro vota! E, no Brasil, nós, a negra, somos, no mínimo, metade do eleitorado. Todavia, não temos força política orgânica suficiente para elegermos candidaturas comprometidas com o combate ao racismo compatível com a nossa expressão no eleitorado. Discorrer sobre o assunto e suas diferentes e divergentes teorias daria páginas e páginas.

E eu, cá com meus botões, não pos-

so deixar de me indignar quando dizem que falar sobre “questões raciais” no debate eleitoral é uma forma de dividir o povo brasileiro. Como assim, cara pálida? Num país de passado e cultura escravocrata, ainda de contornos fortes, a divisão é patente, naturalizada e banalizada. Querem nos roubar até o direito à identidade racial/étnica – sentimento de pertencimento a um grupo racial ou étnico, decorrente de construção social, cultural e política.

“O vocábulo racialização tem sido figurinha fácil no debate sobre ações afir-

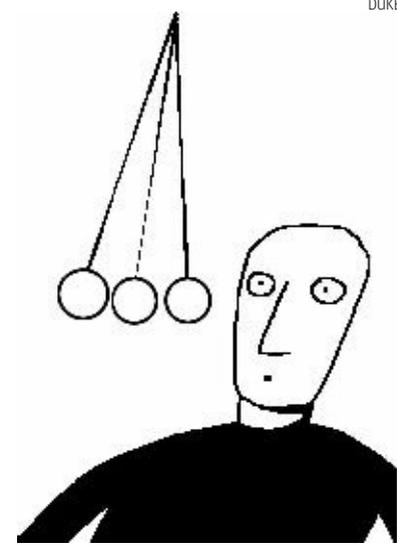
Decerto o racismo foi considerado tema espinhoso demais para se fazer presente na “pidança” de votos das candidaturas, que o escantearam

mativas no Brasil, em especial sobre as cotas étnicas. Tenho a impressão de que o modismo no uso da palavra racialização serve a múltiplos senhores e a finalidades escusas.

A inexistência de raças humanas é uma verdade científica, mas o racismo é uma realidade cruel, segregacionista, excludente e que frequentemente assume a face de genocídio, às vezes sutil, localizado, mas marcadamente genocídio, que conceitualmente consiste em atingir a integridade corporal ou mental para eliminar – no todo ou em parte – um grupo religioso, nacional, racial ou étnico. Ou ainda realizar deporta-

ções ou medidas contraceptivas sem o consentimento informado contra esses segmentos de uma sociedade. O racismo é um crime contra a humanidade” (F.O., in “Final, o que os letrados chamam de ‘racialização?’”).

O assunto merece análises mais aprofundadas, inclusive no veio “eleitoral”, em especial porque compartilho da opinião de que suplantar o racismo não é uma tarefa só de negros, mas do conjunto de uma sociedade que se diz democrática; e deve integrar qualquer projeto sério de nação, pois, como tenho dito à exaustão, “é certo que não construiremos um país justo e democrático sem que os brancos compartilhem com os negros os seus privilégios seculares. No caso brasileiro, compartilhar privilégios significa também que os brancos terão menos do que sempre foi exclusivamente seu. Não há como ser diferente”.



DUKE